



ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

Nº 3 — 2ª SÉRIE

SETEMBRO DE 1963

PREÇO: \$50

ALERTA CAMPONESES!

Não obstante as dificuldades de vária ordem que impedem a livre crítica ao sistema governativo no campo agrícola, vai-se notando pelo país fora uma manifestação de mal estar. Isto compreende-se porque os males que o agricultor enfrenta são tantos que as pessoas atingidas não podem calar por mais tempo a sua crítica situação econômica. E não obstante terem de enfrentar diversas barreiras que se lhe opõem não podem deixar de apontar culpas e pedir medidas de salvação e de compreensão.

A propósito, quero-me referir ao «Brado de Lavoura Eboense» que um jornal diário publicou e que diz respeito a uma exposição que os agricultores desta região apresentaram ao governo sobre a crise que estão a passar. Através dos grêmios de Évora e Viana do Alentejo, os agricultores reuniram-se e por meio de uma exposição levaram a sua voz às esferas da governança para lhes fazer sentir mais uma vez que não podem continuar a ser desprezados.

Sucedeu que no encontro desses lavradores alguém disse a certa altura:

«Aludindo depois a duas exposições apresentadas ao governo em 30 de Abril de 1947»...

«— O governo teve pois conhecimento total da situação da lavoura de Évora, das suas necessidades, dos seus anseios e das sugestões então apresentadas como possível solução dos problemas que a afligem.»

«— São passados 16 anos (?) — exclamou — fazendo em seguida estas perguntas.»

«— Quais foram as consequências deste alarme? Que foi feito neste espaço de tempo, para melhorar a economia agrícola da região e do País através dela?»

(cont. na pág. 3)

A VIDA NO DOURO

A vida no Douro está um pouco crítica, pois não tem sequer a mínima esperança de que o nosso Governo olhe para tal situação.

O lavrador do vinho gasta pelo menos 900\$00 por pipa, para a vender por vezes ao preço de 1.000\$00 a 1.200\$00, isto é, segundo o grau que o vinho tem. Há vinho no Douro com 9 graus e a 100\$00 o grau-pipa, são 900\$00. Ora se o lavrador gastou 900\$00 por pipa a grangear, pergunta-se: quanto lhe fica? Nada! Por vezes não se paga a 100\$00, mas sim a 90 e 80 e porque se paga muito a estes preços, o lavrador não faz o suficiente para os grangeiros. Desde o princípio do ano, começa logo a gastar na vindima; a seguir vem a descava, poda, erguida, replantação, cava, sulfato, enxofre, redra e outros extraordinários que são indispensáveis à nossa agricultura.

Temos a Casa do Douro que foi fundada para remediar algumas dificuldades que o lavrador, ou digamos, o proprietário tem. Chegamos à conclusão de que nada é do que se esperava. Não deixo de dizer que a Casa do Douro faça um esgotamento aos vinhos, só com uma dificuldade — é que o lavrador já precisa por vezes de pedir dinheiro para fazer a vindima, visto os crescimos da novidade atrasada não serem nenhuns.

Logo, tem que pedir dinheiro ao comprador, porque a Casa do Douro só faz empréstimos ao lavrador depois dos seus manifestos estarem pagos a 70 réis (\$07) por litro e só começa a fazer esses empréstimos desde fins de Janeiro por diante. Ora, se o proprietário começou a precisar de dinheiro, já não cigo antes, mas ao menos para fazer a vindima que é em Outubro, e daí tem que começar a fazer os restantes serviços, aos quais acima me referi, nessa altura pede ao comprador

A CRÍTICA SITUAÇÃO DA LAVOURA

Duma conversa entre um nosso correspondente e um agricultor de determinada região nortenha, transcrevemos aqui algumas passagens que só o espaço reduzido de que dispomos nos torna impossível transcrever-las integralmente.

«— Isto da lavoura está uma coisa terrível. As máquinas, fertilizantes, insecticidas, etc., estão cada vez mais caros. Há máquinas, como tractores, que no estrangeiro custam dúzia e meia de contos, quando chegam às nossas mãos custam perto de 60!

Quanto a insecticidas, a dub », etc. o sr. não faz u na ideia quanto di theiro eu já gastei com isso... ai quê... uns 10 contos. Onde vou tirá-los? Na batata, que ainda a tenho tida na terra, gastei em sementes, adubos, mão-de-obra, sulfatação, etc., — 4.200\$00. Sabe como estão a pagá-la por aí? — a 10\$00 a arroba. Ora já vê, teria de vender 420 arrobas para pagar a despesa. E agora o consumo da casa, o meu trabalho e o da família? Não, não dá!»

«— E o rendimento da terra?»

«— Ora, nisso nem é bom pensar-se. Dela só nós advém prejuízo. Mas não é só isso, repare agora no vinho. Eu estava à espera que o vinhito viesse cobrir todas essas despesas. Qual que? E vendê-lo?» (cont. na pág. 4)

Resina — a Socer não cumpre

N.R. — Tendo nós publicado no número anterior um artigo sobre este importante problema da lavoura das Beiras, recebemos dum nosso leitor a carta que a seguir transcrevemos.

— «Há dois anos a SOCER (Sociedade Central de Resinas) grupo formado pela União Resineira e Industrial Resineira, pagou as sangrias a 10\$00 cada.

Acontece que no ano passado, esta Companhia apareceu com um «choradinho» de que no ano anterior haviam perdido muito dinheiro e que portanto naquele ano só podiam pagar a 5\$00 cada sangria. É claro que a gente acreditou ingenuamente naquilo que eles diziam, e demo-las a esse preço. Mas o que aconteceu? Foi simplesmente eles não cumprirem com o prometido, pagando só a 4\$00. Então isto não é fazer pouco? É claro que este ano nós já as não queríamos dar e alguns lavradores já as não deram mesmo, porque além de só oferecerem a 4\$00, a gente já está desconfiada de que são capazes de quando forem a pagar, as paguem mais barato ainda.

Será que a resina, ou os produtos que dela derivam, tenham baixado tanto em tão pouco tempo para que as sangrias dum ano para outro baixarem para mais de metade? Ou não será que os industriais de resina queiram meter ao bolso mais uns milhares à nossa custa?

No ano de 1961 a exportação de pez e aguarrás (produtos derivados da resina) atingiu 500.000 contos, ou seja 7,2%, do valor total da exportação da metrópole. Por outro lado, segundo constou numa reunião de Grêmios da Lavoura de Entre Douro e Minho e a Junta Nacional dos Resinosos, tida em Dezembro de 1952, o preço médio por sangria foi de 9\$21.

Ora o que o lavrador precisava era de se unir e combinar um preço mais justo para as sangrias, por exemplo a 7 ou 8\$00 e não darem por menos. Se todos, pelo menos os da mesma região, assim fizessem, os industriais sem resina não podiam ganhar e então seriam obrigados a pagar por preço mais justo. Se eles não pagassem o que prometiam, deviam os lavradores lesados obrigarem, por todos os meios, as companhias a pagar o que haviam prometido. Então o que fizeram e continuam fazendo não é um roubo? A cadeia deve ser para os ladrões desta espécie e não para os presos políticos que apenas lutam pelo bem de todo o Povo.

Um resineiro

ELABORAÇÃO RECEBIDA

Chega constantemente à redacção de «A TERRA» varada e abundante colaboração, prova insofismável do interesse que o nosso jornal despertou nos camponeses do Norte.

Agradecendo a colaboração recebida, informamos no entanto ser-nos impossível publicá-la toda, ou por absoluta falta de espaço ou ainda porque, redida a sua publicação, ela perdeu actualidade.

Este último aspecto permite-nos lembrar aos nossos colaboradores o enviar com certa antecedência a sua colaboração afim de quando publicada ela mantenha, tanto quanto possível a sua actualidade.

Conversa com um lavrador

— Quais os problemas que mais preocupam a lavoura e quais as soluções que, no seu entender, deviam ser tomadas?

— Um preço assegurado para os artigos provenientes da lavoura e com escoamento garantido, banir todos os organismos parasitários que visam explorar a lavoura e diminuir o preço de todos os artigos para tratamento da lavoura.

Precisamos dum preço assegurado para podermos trabalhar à vontade, não beneficiando partidários que é como costumam fazer. Quando há muita abundância esses organismos só a tiram aos seus amigos e aos outros deixam-na apodrecer em casa.

— Acha que este governo pode resolver estes problemas?

— Quanto a mim, em todos os governos precisamos que tomem estas medidas, seja ele, social, democrata ou republicano.

Atendendo à longevidade deste regime não é governo que satisfaça os interesses da lavoura, neste estado de coisas, nesta situação em que nos encontramos. Portanto, necessitávamos duma mudança geral desta orgânica.

Eu não peço que dêem os preços exagerados de maneira a dificultar a vida aos outros populares, mas banir os intermediários e organismos corporativos que que obrigam a vendermos barato e o artigo chegar caro ao consumidor. Creio que este governo não tem condições para fazer isso.

— Que caminho ou solução propõe?

— O caminho, só acabar com esta estrutura, pondo à frente homens capazes de dirigir.

A única solução é o derrubamento deste Estado, uma vez que ele nunca atendeu qualquer reclamação da lavoura. Para isso é preciso fortalecer os partidos que lutam para este derrubamento.

A Vida no Douro (cont. da pág. 1)

o qual lhe empresta sobre a unidade. Quando o proprietário fez a vindima, já está nas mãos do comprador, sendo obrigado a entregar pelo preço que ele quiser. Porque entregou o vinho pelo preço que o comprador quis? Porque a Casa do Douro abre preço para o vinho só de Janeiro em diante. Eu acho que precisávamos desse preço, antes que o comprador esmagasse o nosso género que tão caro nos fica e que tanta aflicção por vezes nos faz ter durante o ano, umas vezes com o mildio, outras com as trovoadas que num, repente podemos perder tudo, etc..

Então, agora digo — o comprador ainda dá algum, mas por esses males que me refiro, então ficamos sem nada. Qual o nosso socorro? Como já alguns às vezes tem calçado, é deitar as mãos à cabeça e arranjar cintos ou suspensórios para segurar as calças para as não deixarmos cair!

Depois temos então o pobre trabalhador que, coitado, vive durante o ano ao redor de nós para nos grangear essas terras. Teve a infelicidade dessa alegria!... Como lhe havemos de pagar? Como há-de sustentar os seus filhos esposa, pagar renda de casa? Nada disso pode fazer. O que lhe resta é ir para o sanatório, pois se ele nem um abono de família tem! Não tem nada que o ajude a criar os seus filhos. Pergunto: Não serão uns cidadãos portugueses como os de todas as outras classes? Não deveriam ter o direito às regalias de todos os outros? Não? Porquê?

Um vinicultor

O PROBLEMA DA FRUTA E OS INTERMEDIÁRIOS

Embora não seja na imprensa diária que se deva procurar a defesa dos interesses da Lavoura, de tal forma ela está enfeudada aos interesses que o governo de Salazar defende, a verdade é que por vezes as situações são tão gritantes que os jornais não podem deixar de publicar algumas linhas de alarme ou até de protesto.

Foi o que aconteceu mais uma vez com «o Século» que, no dia 17 de Agosto publicou a seguinte local:

«É tanta a abundância de maçãs, na região de Lóvão da Beira, que nem barato a compram. Na feira semanal que se realizou em Tondela, via-se enorme quantidades de esplêndidas maçãs temporais, óptimos exemplares, que nem 5000 cada cento renderam. No entanto, em Vizeu e em outras praças do País, são vendidas a 1500 cada!»

Esta disparidade de preços não se justifica. O lavrador produz sem resultado para si próprio, pois os lucros são para os vendedores.

O grande facto é que o lavrador vende as maçãs a 5000 o cento e o público as compra 20 vezes mais caras! A grande verdade é que o lavrador produz sem resultado para si próprio! Mas o resto não é verdade. Os lucros não são para os vendedores, regra geral, mas para os intermediários! São estes que vão às feiras comprar barato e depois vendem caro aos vendedores, tanto mais caro quanto maior número de intermediários houver entre o camponês e o vendedor directo ao público.

A luta dos produtores da fruta deve ser pois contra os intermediários, ao mesmo tempo que devem

exigir do governo protecção para os maus anos (como foi o caso este ano para os citrinos), baixa dos preços dos artigos industriais de que se servem para produzir melhores frutos.

Contra o governo que não só não protege a agricultura como tudo faz para não ouvir os queixumes, os protestos, as sugestões que se erguem de todos os lados, que em vez de atribuir verbas de auxílio do campesinato lhe vai ainda arrancar dinheiro para prosseguir a guerra colonial, contra o governo do grande capital só há uma forma de luta: a do protesto colectivo, a da união de todos os camponeses para apresentar ao governo exposições, sugestões, críticas e protestos e exigir dele medidas imediatas.

Mas contra os intermediários — que muitas vezes são os próprios grêmios e juntas oficiais — a cooperativa de produtores é ainda uma solução possível. Todos unidos na sua cooperativa será esta que irá vender nas cidades o produto em vez de entregar essa venda aos intermediários. A cooperativa venderá ao preço que a assembleia geral dos sócios estabelecer, um preço que sendo compensador para o camponês será também ao nível de compra do público.

Avante pois por cooperativas de produtores de fruta e pela luta para poder vender directamente aos retalhistas!

Avante, cada vez mais unidos, no protesto contra a falta de medidas protectoras da agricultura ou contra as más medidas decretadas pelo governo!

Alerta Camponeses

(cont. da pág 1)

«— A lavoura de Évora sente-se na obrigação de mais uma vez lembrar ao governo da Nação o perigo que constitui a sua presente situação...»

Outras vozes disseram que um dos males da agricultura se devia ao facto desta comprar caro tudo o que precisa e vender barato os seus produtos.

Por outro lado também se disse que se o governo olhasse para a agricultura como devia ser não haveria necessidade de terem saído este ano 80.000 contos para o estrangeiro na compra do arroz e os 12.000 contos gastos para permitir que esse arroz não tenha de ser vendido por preço superior ao actual, acabando por perguntar de quem era este dinheiro.

Também se afirmou nesta reunião que os governantes que falam de lavoura nada sabem dela e daí uma série de erros de que sofre o agricultor.

Só por estas afirmações proferidas na reunião da lavoura eborense se pode ajuizar, porque a fonte das informações não é duvidosa, da situação da lavoura do sul do país. E através delas também se pode ver como os agricultores do Sul se unem para protestar perante o governo.

Agricultores do Norte, deveis seguir o mesmo exemplo dos vossos colegas do Sul, juntai-vos e unidos protestai perante o governo da precária situação em que vos encontrais, mas protestai de ânimo forte porque é preciso termos em conta que o governo costuma fazer-se mouco perante as vossas queixas, é o caso das queixas apresentadas pelos vossos colegas do Sul há dezasseis anos e o governo nunca ter ligado a isso como eles disseram nessa reunião. Por este proceder, se pode

«A Terra» precisa de ajuda

Como salientámos no nosso primeiro número, ajudar financeiramente «A TERRA» é obrigação de todos os lavradores oprimidos pelo salazarismo.

Para se manter com certa regularidade, para se defender e melhorar a sua publicação «A TERRA» precisa do auxílio material dos seus leitores, os quais, estamos certos, não lhe faltarão com essa ajuda.

Assim, e a partir do próximo número, começaremos a publicar as quantias que os leitores de «A TERRA» não deixarão de enviar para auxiliar o seu jornal.

avaliar com toda a clareza do interesse que o governo dedica à agricultura. Por isso as queixas que se lhe façam, têm de ser de ânimo forte, isto é, bater-lhe o pé com força, de maneira que o governo seja obrigado a ouvir a vossa voz e a dar satisfação aos vossos pedidos. Se ele não vos quer ouvir, se não vos quer dar satisfação, que largue a pasta da governança, que exerça há trinta e tal anos pela força. O camponês, português, é que não pode continuar por mais tempo a viver uma vida de miséria enquanto os governantes e os altos comerciantes estão podres de ricos. Lavradores do Norte! Hoje mais que nunca é necessário a vossa união porque só juntos e unidos podeis obter aquilo a que tendes direito, e unidos não há força que vos possa deter porque mal sabeis a força que tendes se unidos fizerdes os vossos protestos.

Camponeses, segui o exemplo dos vossos colegas de Évora. Um camponês

AS JORNADAS CEREALÍFERAS E LEITEIRAS

As conclusões gerais destas Jornadas preconizam o aumento geral dos preços dos cereais e do leite, a facilitação de créditos e assistência técnica. Se é verdade que algumas destas medidas são justas, uma grande lacuna se constata, tão grande é a sua evidência:—é o não se referirem ao embaratecimento dos produtos industriais fornecidos à lavoura (máquinas, sementes, insecticidas, fertilizantes, etc.), o que tornaria o custo de produção mais barato. Mas como isso ia ferir os interesses dos grandes industriais, como o Amoníaco Português, CUF, etc., acantonados no Governo, optou-se unicamente pelo aumento dos artigos da lavoura para que seja só o público consumidor a pagar as «favas».

No entanto, há que exigir do Governo as medidas expostas pelas Jornadas como princípio de melhorar a situação dos agricultores. Os lavradores devem discutir o melhor meio de obrigar o Governo a tornar concretas e imediatas estas sugestões.

É necessário que o dinheiro que se gasta na guerra colonial se empregue na lavoura!

São precisas mais acções e menos palavras!

Que sejam eliminados os organismos corporativos que só servem para encarecer o produto e explorar o produtor e o consumidor!

«Falou por último (nas Jornadas Cereal.) o representante da Cooperativa de Oliveira de Azemeis, que revelou ter a indústria dos lacticínios naquele concelho comprado durante o ano de 1961, à lavoura, 150.000 contos de leite, dos quais arrecadou 70.000 contos líquidos (!!!)

A crítica situação (cont. da pág. 1)

— Não tem tido compradores ou é por estar barato?

— «Olhe, ambas as coisas. No princípio pagavam-no a \$200 e eu não o quis vender. Depois andavam para aí a pagá-lo a \$200, mas só me apareceu gente a oferecer a \$180 e eu queria a \$190. Agora estou um pouco encrencado com esta coisa. É que não aparece comprador e se o não vendo durante o mês de Agosto, já não o consigo vender, pois nessa altura já ninguém compra vinhos porque entramos logo nas vindimas.

Sabe o que é isto? É a guerra de Angola e da Guiné.

Olhe para aqui (mostrando um jornal diário de 14-7-63), mais um milhão de contos para lá. Como se cá houvesse muito! Isto fica arrasado. Eu, sabe, guardo alguns recortes dos jornais, mas às vezes até tenho medo de os ler, até fico doente. Repare só em mais isto! (mostrando outro jornal).

«Efectivamente, não se justificam soluções que obrigam os produtores de uma região a vender o leite a \$44 cada litro quando os de outras relativamente próximas, recebem por um produto da mesma categoria de \$60 a \$220, ao mesmo tempo que os das cooperativas da zona abastecedora de Lisboa já pretendem que, ali, o custo da produção é de \$310 para 95% dos respectivos produtos... Já viu? Então isto não era só... Enfim, ninguém olha por nós. Eles chegaram a pagar aí leite a \$10 o litro. Há direito de se fazer uma coisa dessas? Assim é que eles conseguem ganhar 70 mil contos líquidos em 150 mil de compra de leite, como aconteceu à indústria de lacticínios de Oliveira de Azemeis, durante o ano de 1961!»

— De facto não percebe, porque conheço uma região em que a fábrica vai buscar o leite a 25 kms. de distância e paga-o a \$80 o litro, seja ele de turina ou de vaca de trabalho, e a manteiga é toda ao mesmo preço.

— «A manteiga... a manteiga sai a 36\$00 o quilo da fábrica e a J.N.P.P. cobra logo \$100 em quilo. Então isto não é um autêntico roubo?»

O sr. sabe lá como vai esta vida... Olhe que estive aí a pagar a uns jornalheiros que andaram a sulfatar a 30\$00 e a comer—e era se os queria ter. Não quero dizer que para eles seja muito, mas nós é que não lhes podemos pagar. Para lhe ser franco, tive de vender um milhito que aí tinha para fazer dinheiro suficiente para lhes pagar.

Se esta situação dura mais meia dúzia de anos, a lavoura fica de rastos. Passamos a andar de tanga. O sr.

ATENÇÃO CAMPONESES DO NORTE

A «RÁDIO PORTUGAL LIVRE» TRANSMITE NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

para todo o povo português e, portanto, também para vós. No vosso próprio interesse escutai a R.P.L.

TODOS OS DIAS EM ONDAS CURTAS

Das 20 às 20,30 h. em 32 metros das 22,15 às 22,45 h. em 32 metros das 0,30 às 0,50 h. em 36, 40 e 43 m. Através das suas emissões, a RÁDIO PORTUGAL LIVRE, EMISSORA AO SERVIÇO DO POVO, DA DEMOCRACIA E DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL

conhecerás a verdade sobre a situação económica portuguesa, sobre a evolução da guerra colonial, sobre a situação dos presos políticos, sobre a solidariedade dos povos de outras nações à luta do povo português contra a ditadura fascista de Salazar, pela liberdade e pela democracia.

ESCUTA DIARIAMENTE A R.P.L.

ANUNCIA A SUA EXISTÊNCIA AOS TEUS AMIGOS!

vê como ando vestido—e sou o que ando melhor porque ando por fora, tenho que fazer compras, a maior parte a crédito, porque o resto da família anda aí toda muito remendadinha. Se eu lhe disser que passam-se domingos que não gasto um tostão. Às vezes lá vão cinco escuditos e já fazem falta. Isto depois duma semana de trabalho de dia e às vezes de noite. E o que se passa comigo, passa-se com muitos outros agricultores»

—Realizaram-se recentemente as Jornadas Cerealíferas e Leiteiras. Que me diz às conclusões de lá saídas?

—«Bom, embora ainda não tenha lido tudo o que se lá passou, o que tenho lido e percebido é que eles propõem o aumento puro e simples do produto saído da lavoura. Ora esse aumento, creio eu, vem depois aumentar tudo. Eles deviam aumentar sim, o leite, os ovos, etc., e embaratecer os insecticidas, sementes, adubos, máquinas, etc., porque se aumentam os cereais, aumentará infalivelmente o pão e outros produtos.

Pois, meu amigo, a lavoura está toda de rastos e ninguém nos dá importância. O Governo está a sugar, a tirar à lavoura o que manda para África e gasta noutras despesas indevidas e estranhas à agricultura.

Sabe o que nós precisamos? É de nos unirmos e discutirmos em comum, o caminho a seguir. E depois devemos exigir que o Governo resolva os nossos problemas.»